



## **Análise feminista do discurso em um vídeo de receita de sabão**<sup>9</sup>

Lúcia Gonalves de Freitas<sup>10</sup>

UEG-Jaraguá/PPGIELT

**Resumo:** Neste texto, apresento uma análise piloto de um vídeo que integra o *corpus* da pesquisa “Análises feministas de discurso: da formao do campo   aplicao localizada”. O projeto está sendo desenvolvido, no âmbito do Grupo de Estudos da UEG-Jaraguá e no PPGIELT, com apoio do Curso de Cinema e Audiovisual, do campus da UEG-Laranjeiras. O objetivo da pesquisa   traar reflexoes sobre as relaoes entre a prática de mulheres goianas que fazem sabão em casa, seus saberes e questoes de identidade feminina. O foco recai na sujeio e, também, na resistência, das mulheres a grandes dinâmicas de poder, como patriarcado, capitalismo e globalizao. Esta apresentao relata nossas primeiras apropriaoes teórico-metodológicas nesse projeto.

**Palavras-chave:** Identidade. Mulheres. Tradio.

### **Resumo expandido**

Este texto apresenta as primeiras apropriaoes teórico-metodológicas da pesquisa que venho desenvolvendo, no âmbito do Grupo de Estudos de Jaraguá sobre as relaoes entre a prática de mulheres goianas que fazem sabão em casa, seus saberes e questoes de identidade feminina. Aqui, analiso um vídeo e um áudio de receita de sabão como uma iniciativa piloto, na qual coloco em prática alguns procedimentos teórico-metodológicos, cuja viabilidade pretendo avaliar para os demais passos da pesquisa.

Proponho uma articulao entre Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003) e estudos feministas (LAZAR, 2007; FIQUEIREDO, 2017; CALDAS-CULTHARD, 1996; GONZALES, 1983; RIBEIRO, 2017), promovendo uma “reapropriao criativa”, para seguir as palavras de Audre Lorde (2007), sobre os pressupostos que aqui adoto. Espero, assim, poder contribuir para o reexame teórico de alguns conceitos da ADC, no contexto das pesquisas de linguagem e feminismo em nosso país.

<sup>9</sup> Trabalho apresentado ao III SEJA – G nero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goi ania Campus Laranjeiras.

<sup>10</sup> Doutora em linguística pela Universidade de Brasília com estágio na Universidade de Birmingham, Inglaterra.   docente na Universidade Estadual de Goi as, lotada no campus de Jaraguá. Integra o programa de Pós-Graduao Interdisciplinar em Educao, Linguagem e Tecnologia-IELT da UEG como colaboradora, onde desenvolve pesquisas voltadas para relao linguagem, g nero, direito e feminismos. E-mail: luciadefreitas@hotmail.com.



O direcionamento tem por base as seguintes perguntas: 1-Qual a relação entre a prática de fazer sabão e as identidades dessas mulheres? 2-Como podem ser analisadas as performances/agências femininas nessa prática? 3-Em que sentido essas agências estão associadas à submissão das mulheres ao exercício tradicional das funções de cuidado, de higiene doméstica, etc? 4-Em que medida a prática pode ser considerada uma resistência aos padrões femininos modernos, submetidos a apelos capitalistas da indústria de produtos de limpeza/beleza em nossa sociedade de consumo.

A análise piloto nos mostra que a prática de fazer sabão caseiro se associa a uma tradição que se mantém ainda viva, a despeito do contexto hegemônico da atual indústria de produtos de higiene e limpeza. É uma prática eminentemente associada à identidade feminina baseada nos tradicionais papéis de gênero, que designaram à mulher a atividade doméstica. Atributos como, diligência na execução de tarefas, zelo, capacidade de aproveitar e economizar recursos, são associados a um maior *status* na condição feminina.

Porém, diferente das mulheres do passado, de quem a nossa depoente diz herdar o conhecimento, sua receita, apesar de caseira, já se insere em um contexto de dependência das novas dinâmicas industriais. Isso revela que, embora a prática de fazer sabão caseiro à qual ela se filia, pareça ainda alinhada com identidades femininas que são performadas por exercícios domésticos de cuidado, limpeza, etc, seguindo uma tradição, essa prática não rompe em profundidade com o contexto comercial e de mercado da atualidade, ou seja, não promove uma resistência profunda ao consumo de produtos industrializados.

### Referências Bibliográficas

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. 'Women who pay for sex. And enjoy it.' Transgression versus morality in Women's Magazines". In: Caldas-Coulthard, Carmen Rosa e Coulthard, Malcolm (Orgs.) **Texts and practices: reading: readings in critical discourse analysis**. London: Routledge, 1996 p. 248-268.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FIGUEIREDO, Debora de Ccarvalho. Quem é x leitorx? leitura e posicionamento de gênero. **ReDCen - Revista Discurso em Cena** , n. 1, p. 19-30, 2017.



GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, Luis Augusto. São Paulo: ANPOCS, 1983.

LAZAR, Michele. Feminist Critical Discourse Analysis: Articulating a Feminist Discourse Praxis. **Critical Discourse Studies**, n. 4 v. 2, p. 141-164, 2007.

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. Berkeley: Crossing Press, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.